

DISCRIMINAÇÃO HOMOSSEXUAL NA IDEOLOGIA CRISTÃ

HOMOSEXUAL DISCRIMINATION IN CHRISTIAN IDEOLOGY

Douglas Verbicaro Soares¹

¹Universidad de Salamanca, Salamanca,
Cyl, Espanha. Doutor em Direito.
E-mail: douglas_verbicaro@yahoo.com.
br

Resumo: As práticas discriminatórias contribuíram para a exclusão social de um número considerável de pessoas ao longo da história da humanidade. Muitas ideias de condenação versaram sobre a questão da sexualidade humana, restringindo a importância do sexo como instrumento de desenvolvimento humano, indispensável para o respeito à dignidade de cada indivíduo. O presente trabalho tem como objetivo explicitar a influência de dogmas religiosos judaico-cristão na formação de ideário condenatório à orientação homossexual em sociedades ocidentais, transmitidos de geração a geração. O estudo ressalta a relevância sobre o tema da sexualidade e sua relação com interpretações institucionais seculares que promulgaram a prática da homossexualidade como pecaminosa e contraditória com as orientações divinas. Desta forma, o estudo serve como auxílio na visibilidade do tema, uma vez que, estão limitadas as abordagens que versam sobre a temática religiosa e homossexualidade.

Palavras-chave: Dogma religioso. Orientação sexual. Dignidade humana. Sexualidade.

Abstract: Discriminatory practices have contributed to the social exclusion of a considerable number of people throughout the history of humankind. Many ideas of conviction centered on the question of human sexuality, restricting the importance of sex as a tool for human development, indispensable to respect for the dignity of each individual. This paper aims to clarify the religious dogmas Catholic influence in the formation of damning ideas to homosexual orientation in Western societies, transmitted from generation to generation. The study underscores the importance of the topic of sexuality and its relationship with institutional secular interpretations that enacted the practice of homosexuality as sinful and contradictory with the divine guidance. This paper serves as an aid in the visibility of the topic, since limited safe the approaches that relating the theme of religion and homosexuality.

Keywords: Religious dogma. Sexual orientation. Human dignity. Sexuality.

<http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v21i2.3164>

Processo de avaliação: *Double Blind Review*

Submetido em: 11.06.2019

Aceito em: 11.07.2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Introdução

O tema da homossexualidade será introduzido nesse estudo com a canção, considerada por muitos, como um dos símbolos da cultura LGBTQI, referente às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer* e intersexuais. Segundo a canção *I will survive* – eu sobreviverei, ou também: *I am what I am* – sou o que sou, interpretadas pela diva disco falecida, Gloria Gaynor.

A renomada personalidade representou artisticamente distintas gerações, especialmente, todas aquelas pessoas que se identificaram com sua carismática obra artística, que usaram suas letras como hinos de reivindicação por respeito, participação social e inclusão de pessoas vítimas de exclusão pelo mundo.

Assim, transmitindo, sobretudo ânimo e força à aquelas pessoas que se sentiam prejudicadas por situações de vulnerabilidade, que as impediam de ser tratadas em condições de igualdade e que, muitas vezes, tinham que esconder a sua essência.

Dessa forma, o instrumento musical vem sendo utilizado, inclusive nos dias de hoje, como uma importante motivação para o reconhecimento da diversidade. Esse instrumento possibilita a promoção das diferenças entre as pessoas, defendendo a ideia de aceitação dos demais, não importando as especificidades inerentes de cada indivíduo. Esse instrumento é apenas um dos mecanismos que podem ser utilizados para a conscientização social sobre o tema da diversidade sexual (VERBICARO SOARES, 2019, p. 105).

Nesse aspecto, o estudo apresentado, também, serve de alternativa para a discussão sobre a relação entre religiosidade, formação de padrões sócios comportamentais e, modos de controle, pelas Instituições Cristãs, no ideário da orientação homossexual.

É válido reconhecer que alternativas cotidianas são necessárias para se romper com os preconceitos e fobias aos temas da sexualidade humana, que por sua vez, não deverão ser menosprezados entre a diversidade existente e, sim, respeitada na sua própria essência, seja na manifestação heterossexual, homossexual ou bissexual. Por essa razão, a sobrevivência da diversidade sexual é uma exigência necessária para a formação de uma sociedade mais justa, fraternal e harmoniosa entre as pessoas em plano físico e espiritual.

O conceito sobreviver, utilizado na letra da canção, representa a motivação de cada pessoa em superar todos os obstáculos criados socialmente, que impedem a real participação e trato igualitário, na esfera coletiva de convivência entre os indivíduos, especialmente quando essas dificuldades são impostas por motivação sexual.

Deve-se mencionar que a ideologia da Igreja Católica adota condutas que dificultam a igualdade almejada pelos grupos em situação desigualdade social, como os mencionados

anteriormente. Para uma melhor visibilidade sobre esse tema, se fez necessária a abordagem histórica sobre a incidência de um ideal conservador religioso, na formação de uma concepção negativa quanto à homossexualidade em sociedades cristãs (VERBICARO SOARES, 2016, p. 51-2).

O estudo revelará que as influências interpretativas de textos religiosos promoveram a estigmatização, durante séculos, da liberdade sexual e no modo de se comportar de sociedades pelo mundo, desde a antiguidade (com o surgimento do Cristianismo) até os dias atuais. Destarte, revelar historicamente os temas de sexualidade e religião são importantes para se entender os caminhos e os valores que foram constitutivos por comportamentos discriminatórios às mulheres e aos homossexuais. Fatos que, baseados em crenças e interpretações restritivas, justificaram as mais terríveis exclusões participativas, de milhares de pessoas, por motivos de gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

A atualidade é representada por um momento de transição entre o papel da religiosidade e, as Instituições que as representam, e os anseios de inclusão de grupos vitimados de acordo com a história. Dessa forma, a sexualidade ocupa uma posição destacável nessa conturbada via de evolução.

De um lado, os ideários mais conservadores, que impõem valores restritos para os seus seguidores e que, insistem na condenação da homossexualidade. E de outro, as visões de aceitação dessa orientação sexual, no sentido de oferecer uma palavra mais próxima à essência humana e de, sobretudo, permitir o pleno desenvolvimento sexual e digno de cada pessoa, não importando sua sexualidade. Se existe um caminho do certo ou errado, a resposta pode estar na interpretação individual sobre a história consciente do Cristianismo, nos mais de dois mil anos de existência.

Foras realizadas algumas perguntas que constituem a problemática do estudo, como por exemplo: existem evidências históricas de repressão à sexualidade humana decorrentes da ideologia cristã? A homossexualidade representaria um erro segundo previsões judaico-cristãs de textos religiosos? Quais são as interpretações sobre a homossexualidade segundo a doutrina religiosa da Igreja Católica? A homossexualidade foi perseguida pela Igreja Católica? Qual o posicionamento do Vaticano sobre a homossexualidade?

1 A negação sobre a orientação homossexual

De acordo com os vestígios históricos deixados por Santo Agostinho (354-430) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274), se presenciaram relatos iniciais que desencadearam restrições na mentalidade da sociedade quanto ao tema das práticas sexuais e do pecado (BETIOLI, 2011, p. 40-1). Para entender a contextualização do período, se trabalhará a ideia de que

Igreja Católica foi a Instituição mais influente, que remonta, desde períodos medievais e que, continua influenciando, atualmente, em temas de sexualidade.

A igreja constituía uma organização que se estendeu por todo o mundo cristão, mais poderosa, maior, mais antiga e duradoura que qualquer coroa. Tratava-se de uma era religiosa e a Igreja, sem dúvida, tinha um poder e prestígio espiritual tremendos (HUBERMAN, 1936, p. 13).

O período destacado revelou uma forte repressão à sexualidade, inclusive, incentivando a castidade, entre os homens e, valorando a virgindade, como símbolo da pureza, em especial para as mulheres. Dessa maneira, o sexo era entendido como maneira natural para a procriação humana, sem levar em consideração o prazer. O prazer mencionado foi negado e remetido ao pecado da carne, como uma prática que deveria ser realizada apenas depois do casamento entre um homem e uma mulher.

Nesse sentido, se responde a primeira pergunta do estudo: existem evidências históricas de repressão à sexualidade humana decorrentes da ideologia cristã? A resposta foi afirmativa, pois o pensamento valorativo narrado no estudo impôs fortes ideias de abstinência sexual, os mesmos que caracterizaram os primórdios da religiosidade cristã.

As mensagens transmitidas pela Igreja Católica aos seus fiéis seriam no sentido de informar que se os preceitos eclesiais são respeitados nos desígnios de Deus, como recompensa os obedientes ganhariam o Reino dos Céus. De modo diverso, os que ousassem a desrespeitar os preceitos doutrinários, seus destinos estariam fadados aos castigos divinos por suas escolhas indevidas e pecaminosas.

A ética se fundamenta a partir da seguinte concepção metafísica: Deus criador, a verdade é revelada (plano de Deus); os Mandamentos de Deus; a desobediência é igual a pecado; o homem pecador deve buscar a salvação; o sobrenatural tem primazia sobre o natural.

A visão teocêntrica faz os valores religiosos impregnar as concepções éticas e os critérios de bem ou de mal se acham vinculados à fé e dependem da esperança da vida pós-morte. Identifica-se, então, o homem moral como homem temente a Deus. A consequência disso é a regulação do comportamento moral no mundo material (expição da culpa do pecado original) para ser premiado (felicidade, liberdade) no mundo imaterial após morte física.

Como a sexualidade está no âmbito material é, portanto, fonte de pecado e deve-se ficar afastado de suas “tentações”. É necessário levar uma vida simples e afastada dos prazeres e desejos (SILVA, 2008, p. 07-8).

Com base nesses valores, foi moldado o ideal doutrinário dos ensinamentos das Instituições Cristãs pelo ocidente. Ao logo dos últimos séculos, as maneiras de interpretação dos textos religiosos da Bíblia, entre o Velho e Novo Testamento, sofreram alteração na sua definição e compreensão.

De acordo com os estudos de Santo Agostinho, o teólogo/filósofo, nos primeiros anos do Cristianismo, o pensador da Igreja defendeu que as práticas sexuais deveriam seguir apenas a essência natural da procriação humana, concernente à manutenção da espécie. Se esse pensamento primordial não fosse atingido, a prática sexual seria na realidade um pecado grave (ZILLES, 2009, p. 342).

Foi com base nesse entendimento que se denegou, por parte da Igreja, o prazer no sexo, uma vez que, o principal objetivo de tal conduta seria a de garantir a procriação. Para esse entendimento, temas relacionados ao sexo restrito ao matrimônio entre homem e mulher, castidade e virgindade nortearam os ensinamentos religiosos sobre a matéria.

Nessa linha de entendimento, somando-se ao pensamento medieval sobre a moral da sexualidade, outro teólogo cristão, Tomás de Aquino, através de trabalhos como a “Suma Teológica”, inspiram restritivos posicionamentos quanto ao sexo humano e a forma como as pessoas usam da libido sexual. Assim, havendo a separação do amor (espiritual) e do sexo (carnal). De acordo com esse parâmetro, o Santo da Igreja defendeu a premissa que o corpo humano seria bom, mas que poderia ser utilizado de forma equivocada pelas pessoas não casadas. No entanto, para não caírem nas tentações do pecado original da carne, os humanos deveriam respeitar a castidade (AQUINO, 2001, p. 134-5). Essa postura ensejou uma visão masculinizada do sexo, patriarcal e que justifica a submissão da mulher na sua função procriadora de gerar descendentes. Atribuindo, da mesma maneira, uma visão vergonhosa sobre as práticas sexuais, repelindo os desejos sexuais e, também, as manifestações de afeição.

São Tomás de Aquino, filósofo e teólogo do século XIII, reforçou os temores tradicionais em relação à homossexualidade, demonstrando, a partir das proposições de Santo Agostinho sobre a especificidade dos órgãos sexuais para a reprodução, que este era um hábito criminoso, tanto aos olhos de Deus, como dos homens. E então, a partir da Idade Média, com essa nova moralidade, homens e mulheres tornaram-se obcecados pela culpa em relação ao sexo, que aos olhos da Igreja era o maior pecado e a castidade passou a neutralizar outros pecados (TANNAHILL, 1980, p. 169).

Com esse pretexto, os atos sexuais, que não atendiam o principal objetivo da reprodução, seriam vistos, pela sociedade da época culturalmente, como pecaminosos. Esse ideal foi implementado e seguido por diversas sociedades ao longo dos tempos. Fato que contribuiu para a fortificação das bases restritivas quanto à liberdade sexualidade humana.

São Tomás, sem nenhuma pretensão de rever a posição de Agostinho afirmará que “o homem se torna bestial na cópula, porque não pode moderar com a razão o prazer do coito e a força da concupiscência” [...] A partir do cristianismo a sexualidade passa, portanto, a ser vista como pecado e apenas admitida no âmbito matrimonial e exclusivamente para a procriação. A copulação deveria servir só para dar à luz. Desta forma, a monogamia e a virgindade para as mulheres passam a ser valorizadas como símbolos de virtude. Se a contracepção era considerada um pecado grave, a homossexualidade era um crime muito maior e, além de um perigo para a Igreja e um repúdio à moralidade cristã, foi

também considerada um perigo para o Estado. O “batismo era recusado ao homossexual, assim como a instrução na fé, até que ele houvesse renunciado a seus hábitos malignos” (SILVA, 2008, p. 10).

De acordo com essa visão, Berenice Dias complementou a ideia sobre as restrições atribuídas à sexualidade humana, especialmente à homossexualidade. Para a autora:

A sacralização da união heterossexual aconteceu na Idade Média. O matrimônio – sem nada perder de seu viés patrimonial – foi transformado em sacramento. Somente as uniões abençoadas pela igreja eram válidas, o ato sexual foi reduzido à fonte do pecado. A virgindade era cultuada, e o sexo ligado ao prazer estava associado à noção de impureza, transgressão, conduta pecaminosa, mesmo dentro do casamento. A igreja rejeitou qualquer prazer ou sensualidade que pudesse ser atribuído ao sexo marital. Adotou a ideia de que o sexo estava estritamente ligado ao divino e ao sagrado (DIAS, 2016, p. 61).

Dessa maneira, se esquecendo e não atribuindo importância ao prazer humano na descoberta da sexualidade, entre as mesmas: o sexo anal, a masturbação, as práticas orais sexuais e outras. Todas essas formas de expressão do sexo acabaram sendo renegadas socialmente e consideradas, como sem relevância.

Esse menosprezo ao prazer sexual e à sexualidade eram motivados, simplesmente, por essas práticas não possibilitarem o objetivo principal do sexo, conforme o entendimento valorativo do período, que tinha na perpetuação da família, da espécie, o basilar fundamento almejado pela ideologia religiosa.

2 As supostas interpretações condenatórias à homossexualidade nos textos bíblicos do Novo Testamento

Chama-se à atenção, que em pleno século XXI, os mesmos valores continuam sendo transmitidos em diversas sociedades no ocidente. Se pode encontrar esse evento no posicionamento de certa corrente da Igreja Católica, que argumenta que a sexualidade serviria de modo restritivo, à reprodução dos filhos de um matrimônio (entre marido e esposa). Portanto, qualquer outra finalidade que se busque fora da reprodução, também, ficaria excluída do plano divino, sendo caracterizada como prática pecaminosa. Deve-se essa compreensão à interpretação do Novo Testamento, em especial as previsões de Paulo aos Romanos. No capítulo 1, versículos 24-29:

Por isso, também, Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

Se faz necessário recordar que as contextualizações históricas, da época das Cartas de Paulo, refletiam um período marcado no Império Romano, como o da vulgarização sexual. O apóstolo Paulo, por meios de suas Cartas aos Romanos e a Timóteo, fez referências à homossexualidade em diversas passagens bíblicas, como em:

1 Coríntios 6, 9-10: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os afeminados, nem os homossexuais herdariam os reinos de Deus;

1 Timóteo. 1, 9-11: tendo presente que a lei não foi instituída para o justo, senão para os prevaricadores e rebeldes, para os ímpios e pecadores, adúlteros, homossexuais;

Romanos 1, 26-27: por isso os entregou Deus às paixões infames, pois suas mulheres inverteram as relações naturais por outras contra a natureza, igualmente os homens, abandonando o uso natural da mulher, se abrasaram em desejos uns pelos outros, cometendo a infâmia de homem com homem, recebendo o pagamento merecido de seu extravio.

Do mesmo modo, Isidre Bravo fez alusão às cartas de São Paulo sobre os temas de amor entre homens:

Por eso (por impíos y por librarse todavía a la adoración de dioses paganos) Dios los entregó a las concupiscencias de su corazón, hasta deshonorar vergonzosamente entre sí sus propios cuerpos, [...] pues adoraron a las criaturas en vez de su Creador [...]; los varones, dejando el uso natural de la mujer, se abrasaron en mutuo deseo, encendieron su lujuria unos con otros, practicando ignominias, cometiendo torpezas y exigiendo un pago por su pecado [...] Dios los entregó a su razón depravada, para obrar lo que no debían, llenos de toda [...] malicia, [...] y perversidad. A pesar de conocer el decreto de Dios, que los que cometen acciones merecen la muerte, no sólo las hacen, sino que también aplauden a quienes las hacen (Carta a los romanos, I, 24 a 32) (BRAVO, 2008, p. 147).

As Cartas de Paulo foram escritas com base nessas previsões, de orientar os cristãos a seguir uma postura responsável no sexo. Não se pode esquecer que o momento histórico considerava as mulheres submissas aos homens, sendo uma sociedade patriarcal e conservadora. Período esse que condicionavam à mulher a um desprestígio social, atribuído a elas a missão de gerar os descendentes da família, considerando a sexualidade como manutenção da reprodução humana.

Com base nesses fatos, torna-se fácil o entendimento sobre as explicitações de Paulo quanto à fornicação e sua caracterização como um suposto sentimento perverso e maligno, condenando, por exemplo, os rituais e práticas sexuais que ocorriam no período romano, com a justificativa da prostituição masculina e feminina e a vulgarização da sexualidade.

O discípulo Paulo, ao citar as passagens religiosas, criticando a sexualidade da época buscava, na verdade, orientar os crentes na moral de uma sexualidade restritiva, com o objetivo da reprodução (COUNTRYMAN, 1988, p. 260).

Por esse motivo, as manifestações sobre a condenação às imundices, às paixões infames, ao uso natural contrário à natureza refletem esse ideário. A possibilidade de equiparar um homem a uma mulher e, essa mudança de rol, não possuía guarida na cultura idealizada de superioridade masculina sobre a feminina. Consequentemente, o que não se adéqua ou segue os preceitos dominantes, reduz ou exclui a participação do inadequado/infrator. Foi o que aconteceu com os homossexuais.

Assim, fica claro que no mundo antigo, a sociedade estava acostumada a determinados preceitos valorativos, onde os homens ocupavam o topo da relação, como verdadeiras e supremas autoridades, objetivando a mulher como pertencente ao homem. Dessa forma, condutas que igualassem os homens à posição das mulheres deveriam ser proibidas culturalmente. Com esse pensamento, séculos inteiros foram marcados pela submissão feminina e discriminação ao gênero, sexualidade, principalmente à diversidade sexual.

A humanidade, ao longo da sua história, nem sempre gloriosa, tem sido alcançada por inúmeros flagelos e calamidades que a dilaceram por toda a parte, condenada que está a transpor terríveis martírios e padecimentos que atingem a grande maioria dos seres humanos (OLIVEIRA, 1986, p. 72).

Na questão da sexualidade essa visão foi mantida, os homens e a masculinidade eram considerados valores superiores. Nas sociedades do ocidente consideravam a prática do sexo entre homens adultos e adolescentes homens como aceitável, era uma forma de iniciação à sexualidade, conferida aos segundos. Um contexto onde as normas estipulavam que os mesmos sempre deveriam receber de um homem os ensinamentos da masculinidade e sexualidade.

Já aos homens, essa inversão, ou seja, a passividade era concedida, apenas, às mulheres e aos adolescentes. A norma cultural exigia o respeito da moral sexual, atribuindo aos homens adultos o direito a ocupar a posição de ativos nas relações sexuais e, às mulheres, as de passivas. Por extensão, aos adolescentes homens, essa passividade era, momentaneamente, estendida baixo a justificativa de iniciação sexual (AYENSA, 2008, p. 124).

Dessa maneira, as escrituras de Paulo aos Romanos ensejam essa condição de inferiorizar às mulheres e a equipará-las como se fossem uma “propriedade” dos homens e, portanto, submissas. Por conseguinte, quando um homem rompe como o rol de masculinidade atribuído em uma certa contextualização histórico-cultural, e ocupa uma posição atribuída às mulheres, esse homem passa a receber, também, atribuições de submissão, o que representa uma ameaça aos padrões morais seguidos em determinadas sociedades.

Sendo assim, é preciso responder a seguinte indagação do estudo: a homossexualidade representaria um erro segundo previsões judaico-cristãs de textos religiosos? Para auxiliar nessa resposta, sábias são as palavras de Daniel Helminiak:

Será que os homossexuais são um erro? Mas neste caso, Deus deve ser mau ou deve estar pregando uma peça cruel e isso não é possível. Deus não erra, então deve haver uma outra resposta! O erro deve estar na forma pela qual a Bíblia é contada (HELMINIÁK, 1998, p. 22).

Segundo o autor, a Bíblia não indica qualquer base concreta para a discriminação da homossexualidade e que, as pessoas deveriam deixar de combater essa orientação com apenas a citação do texto bíblico. Dessa forma, as evidências utilizadas nessa interpretação, baseadas nos originários John Boswell e Louis William Countryman, alteram o modo de se interpretar os textos sagrados, principalmente sobre a homossexualidade no contexto religioso.

De acordo com o ideal de Boswell, com previsão em sua obra: “Cristianismo, tolerância social e homossexualidade”, a homossexualidade passou de uma conduta condenada, mas tolerada em determinado período do Cristianismo, sendo perseguida posteriormente. Na primeira vertente, a homossexualidade seria castigada com castigos físicos (autopenitencias). Na segunda, sua prática é abominada socialmente.

É importante esclarecer que os trabalhos de Boswell ressaltam a homossexualidade relacionada ao Cristianismo, em períodos de maior ou menos aceitação. O autor fez relatos que polemizaram a questão da sexualidade e a Religião Cristã. Ao final do século XX, o autor publicou a obra: “O casamento entre semelhantes”, que baseado em manuscritos antigos europeus, evidenciou supostas celebrações de uniões religiosas entre pessoas do mesmo sexo, durante o período medieval, no Velho Continente.

Boswell, também, sugeriu que as figuras de São Sérgio e São Baco, na realidade, seriam companheiros homoafetivos, o que gerou diversas discussões sobre a veracidade dos fatos. De todos os modos, os santos são reconhecidos pela comunidade LGBTQI como possíveis representantes da diversidade sexual na atualidade. Já Countryman com sua obra: “Dotado de alteridade”, “Leia em grego: uma introdução ao Novo Testamento grego” e outros textos sobre espiritualidade gay e ética sexual aprofundaram os estudos sobre a relação da religiosidade cristã e a homossexualidade.

Nota-se a exemplificação marcante da condenação aberta à homossexualidade pelo Cristianismo. Por meio da Santa Inquisição da Igreja, muitas pessoas sofreram por manifestar a homossexualidade. Essas pessoas receberam castigos físicos, psicológicos, sendo torturadas e exiladas. Sem comentar que muitas foram mortas de formas cruéis, seja por meio de enforcamentos públicos, queimadas em fogueiras, decapitadas ou explodidas em canhões em nome de Deus e dos pecados em seu nome. Essas foram realidades no Velho Continente e nas Colônias Americanas de Reinos Europeus (VERBICARO SOARES, 2016, p. 53).

Foi assim que os ensinamentos de Paulo refletiram nas críticas da época às práticas sexuais entre homens. O que ocorre é que intérpretes dos textos religiosos, ou por estarem

mal-intencionados, ou por simplesmente se equivocaram na interpretação dos Livros da Bíblia, promulgaram informações errôneas, por muito tempo. Episódios que acabaram estigmatizando a homossexualidade como prática nociva às orientações religiosas cristãs. Algumas pessoas ainda buscam justificar seus pensamentos, usando-se de outras passagens Bíblicas, como por exemplo 1 Coríntios (capítulo 6, versículos 9-10):

Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus?

Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.

Essas pessoas por encontrarem as previsões de efeminados e sodomitas na passagem de 1 Coríntios, insistem em afirmar que a homossexualidade é condenada por Deus e contrária aos seus ensinamentos. Para esses indivíduos e seus seguidores, deve-se arguir que as expressões supracitadas, em realidade, foram modificadas do seu contexto original, em precárias traduções, que não se importaram pela manutenção dos relatos iniciais que não condenavam a homossexualidade.

Destarte, palavras como efeminados e sodomitas caracterizam expressões como depravados e pessoas de posturas infames, não sendo atribuição específica à homossexualidade.

Se fosse feita uma nova consideração sobre a sexualidade e os rôis entre homens e mulheres, as conclusões poderiam revelar uma maior exigência de adequação dos temas sexuais às realidades sociais, de exigência pela igualdade de tratamento entre os gêneros, integração e aceitação da diversidade sexual.

É necessário que a autoestima do homem deixe de sustentar-se na capacidade de conquistar mulheres. Para isso, ele terá que desenvolver suas possibilidades de troca com o sexo feminino e saber que nem sempre é possível ou necessário, ter sexo para se sentir valorizado. Na verdade, já há sinal de estar caindo o mito da “máquina masculina”, sempre apta e desejosa de sexo. Um novo homem começa a surgir – ou a ser reinventado – e com ele uma relação homem/mulher mais humanizada, onde não será necessário que um seja “o mais forte”. Poderíamos dizer que está nascendo uma relação em que o sexo desempenhe o seu verdadeiro papel, como dimensão fundamental e enriquecedora numa vida a dois mais aberta e harmoniosa (COSTA, 1986, p. 50).

Nesse aspecto, modificando paradigmas em favor da construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária entre seus cidadãos, com respeito aos temas de gênero e diversidade sexual.

3 Referenciais divergentes nas interpretações da doutrina religiosa da Igreja Católica

Essa parte do estudo busca responder a terceira indagação do trabalho: quais são as interpretações sobre a homossexualidade segundo a doutrina religiosa da Igreja Católica?

Para contestar a pergunta é necessário ressaltar que, segundo a posição interpretativa de muitos seguidores das ideologias da Igreja Católica Apostólica Romana, gerou-se uma manifestação negativa quanto à prática e exteriorização da homossexualidade. Para muitos sujeitos, a manifestação sexual mencionada representa um verdadeiro pecado segundo previsão bíblica. Ademais de ser considerada antinatural, patológica e imoral. Desse modo, sendo menosprezada por alguns seguidores da religião cristã.

É válido mencionar que o posicionamento oficial da Igreja Católica (1976) está nas previsões da Declaração da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, que trata de pessoa humana. Esse marco foi o primeiro texto do magistério da Igreja Católica da era moderna, que versa explicitamente sobre a homossexualidade. O texto se posiciona no sentido de condenar essa orientação sexual, explicando a homossexualidade como fruto do comportamento pela falsa educação, e pela falta de evolução sexual normal. Segundo o posicionamento do manifesto, a homossexualidade seria uma condição transitória e não incurável, isto é, compreendida como patológica (VIDAL et al., 1981, p. 112).

Com base nessa argumentação, muitas pessoas entendem que as pessoas homossexuais que realizam a prática sexual supostamente condenável, deveriam, em nome dos ensinamentos da Igreja, viver em abstenção, ou seja, que deveriam resistir aos prazeres carnis. Também, se encontra a orientação de que as pessoas devam ser fortes em oração para não caírem na desgraça e não pecarem. Muitas das justificativas que se utilizam da condenação à essa orientação se resumem, basicamente a essas justificativas.

Nos anos 80, o livro de André Guindon: “Os criadores sexuais. Uma proposta ética para cristãos em questão”, gerou polêmica, no ambiente da religiosidade cristã, uma vez que, trata abertamente sobre a homossexualidade. Na obra literária, são explicados relatos em que a relação entre pessoas do mesmo sexo poderia, inclusive, superar a relação heterossexual, por serem manifestações de afeto por quem se sentem atraídos. Por isso, essa característica seria o tipo de manifestação mais simples e verdadeira da exteriorização das emoções de uma pessoa. Desse jeito, os exemplos expostos representariam situações corriqueiras da vida social humana, e serviriam como inspiração para os amores gratuitos (GUINDON, 1986, p. 163-174). As evidências mencionadas foram alvo de críticas pela Congregação para a Doutrina da Fé, que cobrou do autor em seu papel em respeitar os ensinamentos do magistério religioso (VATICAN, 1992).

No ano de 2008, outro livro gerou discussão social. Na ocasião, a obra literária promulgava que a homossexualidade representava um problema global e urgente, que a referida orientação sexual produzia a desconstrução da pessoa e da civilização e, incluso, defendia a necessidade do seu tratamento com suposta terapia integral. De acordo com esses valores, especialmente o Editorial Biblioteca de Autores Cristãos, teria traduzido as Atas contidas

no Simpósio em Roma, atestando a participação da própria hierarquia da Igreja Católica, que fundamentou posteriormente a publicação da obra: “Amar na diferença”, que teve como objetivo caracterizar a homossexualidade como uma patologia a ser erradicada da sociedade. O polêmico livro, após algumas semanas de lançamento, foi retirado dos catálogos de venda de países que consideraram o seu conteúdo impróprio e que incitava à discriminação, Espanha foi um deles (LAMAREA, 2014).

Nessa conjuntura se pode citar a Juan Antonio Ferriz Papí, que, também, se manifestou sobre as questões que envolvem a sexualidade humana, em especial sobre a homossexualidade, afirmando que as Instituições Católicas tendem a condenar a homossexualidade:

La institución Iglesia Católica insiste en la criminalización de la homosexualidad, probablemente en este caso como forma de auto exculpase. En este sentido, la institución Iglesia Católica es responsable del constante lanzamiento de mensajes condenatorios y amenazantes hacia la homosexualidad, lo cual sí genera una violencia social hacia las personas homosexuales. Exigimos el cese de estos hostigamientos y la reposición del daño hecho públicamente, pidiendo disculpas por las calumnias vertidas, sobre todo a las víctimas por actos de homofobia generados por estas manifestaciones (PAPÍ, 2010).

As palavras de Juan Papí podem resumir os discursos restritivos de muitas pessoas que interpretam as passagens bíblicas, em muitos casos de modo desconstruído, como podem ser os seguintes argumentos presentes nos discursos intolerantes de certo público, que insistem em aduzir que: a prática homossexual não é reprodutiva, desse modo não tem vez dentro dos planos de Deus. Pode-se encontrar em Levítico alguma condenação: homem com homem como mulher, inclusive em ser réus de morte, como figuram nas Sagradas Escrituras (VERBICARO SOARES, 2015, p. 90). Essa previsão condenatória é proclamada por vários indivíduos que insistem na condenação dessa orientação sexual, mas que interpretam as passagens religiosas sem levar em consideração o seu contexto histórico.

Muitos desses argumentos críticos à homossexualidade são baseados nas repetições de valores culturais, sem a preocupação de adequá-los às realidades sociais da época. O que contribuiu, sobretudo, na valoração negativa sobre diversos temas relacionados com a sexualidade.

Essas premissas podem ser encontradas em cartas enviadas aos Bispos da Igreja Católica. Mais detalhadamente sobre às recomendações ao atendimento pastoral das pessoas homossexuais, na década de 80, dentro das Instituições Religiosas. Com a anuência de dois antigos Papas da Igreja Católica – João Paulo II e na época Joseph Card. Ratzinger, no decorrer da Audiência na sede da Congregação para a Doutrina da Fé, assinaram o documento de orientação para lidar com a homossexualidade.

Entre os pontos mencionados no documento estariam os problemas suscitados pelas pessoas homossexuais, que conforme à vontade de Deus, os humanos foram criados como

varão e mulher e na complementariedade dos sexos, mediante recíproca doação esponsal, cooperando com Deus, na transmissão da vida (ideia do sexo como reprodução). Sendo a homossexualidade contrária às ideologias do Evangelho.

As cartas encaminhadas aos Bispos do mundo atestavam que a homossexualidade é obscurecida pelo pecado original. Nessa hipotética realidade, foram citadas diversas passagens bíblicas que excluíram, do Reino de Deus, os que se comportam como homossexuais, pois eram exemplo de cegueira.

Os documentos, também, retratavam a homossexualidade como contrária à sã doutrina e constituía, explicitamente, um pecado para todos os que a praticassem. Para os agentes da Igreja, a homossexualidade era uma prática imoral que colocaria em risco o sério amor conjugal natural. Logo, recomendava-se que as pessoas homossexuais vivessem em sacrifício, na castidade e na penitência, conforme o esforço humano da autodoação à vontade do Criador:

6. A teologia da criação, presente no livro do Génesis. [...] Por isto mesmo, os seres humanos são criaturas de Deus chamadas a refletir, na complementariedade dos sexos, a unidade interna do Criador. Eles realizam esta função, de modo singular, quando, mediante a recíproca doação esponsal, cooperam com Deus na transmissão da vida.

O capítulo 3 do Génesis [...] mostra que o pecado continua a desenvolver-se na história dos homens de Sodoma (cfr. *Gn* 19, 1-11). Não pode haver dúvidas quanto ao julgamento moral aí expresso contra as relações homossexuais. Em *Levítico* 18, 22 e 20, 13 [...], o Autor exclui do povo de Deus os que têm um comportamento homossexual. [...] São Paulo desenvolve uma perspectiva escatológica, dentro da qual repropõe a mesma doutrina, elencando também entre aqueles que não entrarão no reino de Deus os que agem como homossexuais (cfr. *I Cor* 6, 9). Em outra passagem [...], ele apresenta o comportamento homossexual como um exemplo da cegueira em que caiu a humanidade. [...] São Paulo aponta o exemplo mais claro desta desarmonia exatamente nas relações homossexuais (cfr. *Rm* 1, 18-32). [...], são mencionados explicitamente como pecadores aqueles que praticam atos homossexuais (cfr. *I Tm* 1, 10).

7. A Igreja, obediente ao Senhor que a fundou e a enriqueceu com a dádiva da vida sacramental, [...]. Portanto, uma pessoa que se comporta de modo homossexual, age imoralmente. [...]. As pessoas homossexuais, como os demais cristãos, são chamadas a viver a castidade.

15. Esta Congregação encoraja, pois, os Bispos a promoverem, nas suas dioceses, uma pastoral para as pessoas homossexuais, plenamente concorde com o ensinamento da Igreja. Nenhum programa pastoral autêntico poderá incluir organizações em que pessoas homossexuais se associem entre si, sem que fique claramente estabelecido que a atividade homossexual é imoral. (VATICAN, 1986).

4 As influências filosóficas cristãs na sexualidade: o sexo como pecado, a reprodução e castidade

Seguindo os ensinamentos deixados pelos Santos da Igreja (antes mencionados) e as orientações dentro da própria Igreja, quanto ao tratamento ofertado às pessoas homossexuais.

É válido recordar que as práticas homossexuais continuam sendo vistas como condutas extravagantes e que, todo o tipo de coito que se realize fora do matrimônio e com um objetivo diferente da procriação, será completamente pecaminoso (IZQUIERDO, 2006, p. 52).

Quanto ao exemplo citado, de modo oportuno ressalta Berenice Dias que, grande parte dessa nova atitude negativa à homossexualidade se deve aos escritos influenciados por Tomás de Aquino. Para a autora: a filosofia de São Tomás de Aquino, o sexo justificava-se como caminho à procriação, em face da necessidade de ocupar os vazios geográficos e assegurar a reposição da humanidade (DIAS, 2016, p. 62).

Contrariamente, outros autores defendem que a prática sexual consiste na busca do prazer e da humanização do sexo, ou seja, o desenvolvimento da sexualidade em cada pessoa e de sua dignidade:

Mas convém ressaltar que para ser uma profunda experiência de Deus, o prazer sexual deve ser humano e humanizante. Deve ter em conta a natureza do sexo e de sexualidade humana. O sexo, muitas vezes e como veremos [...] responde às diversas necessidades humanas. A sexualidade, por sua vez previa toda a personalidade humana. E na maioria das vezes não nos damos conta disso. Assim muitos conflitos pessoais podem se manifestar no campo sexual e no prazer sexual pode promover ou bloquear o desenvolvimento da pessoa humana. [...]. Isso, porém, não significa dizer que o prazer, por si só, seja negativo ou ruim. Na bíblia não existe a mais leve indicação de que o prazer colo tal, no sexo ordenado, pudesse ser errado. Há, todavia, uma grande quantidade de advertências contra a busca do prazer sexual numa vida sexual desordenada (JESUS; OLIVEIRA, 2014, p. 115-6).

A ideia conceptiva da sexualidade restringiu o prazer e a própria diversidade sexual, uma vez que reduziu a sua caracterização a uma prática voltada para a perpetuação da espécie. Nesse aspecto, criou-se uma dupla interpretação para essa sexualidade. De um lado, a escolha por expressar, de modo livre, as emoções essenciais do sexo no desenvolvimento da intimidade de cada indivíduo, por outro, a opção de restringir esse sentimento ao estrito cumprimento de valores religiosos e morais constituídos na história da humanidade.

A sexualidade humana é uma força de encontro, um dinamismo de abertura, de comunhão e de criatividade. Por outro lado, pode vir a ser também o lugar do fechamento, da posse ou dominação do outro, podendo conduzir para uma alienação na neurose ou na perversão (TAVARES, 2007, p. 415).

É importante destacar que o destacável personagem religioso da Igreja (São Aquino) influenciou, por meio da “Suma Teológica” de 1266 a 1273, a prática da sodomia homossexual, junto com outras figuras como os bestialismos e o sexo oral em geral, que passaram a constituir formas sexuais que chocavam com a natureza, sendo justificadas como pecados, apenas secundários à gravidade do assassinato (AYENSA, 2008, p. 130-1). Ideário que contribuiu para condenação sócio religiosa dessas práticas sexuais ao longo dos tempos.

Para corroborar com essa visão, cita-se a Isidre Bravo, que preceituou que:

Tomás de Aquino se mostra relativista, aludindo às condições diferentes dos seres humanos, na hora de estabelecer um juízo, condenatório ou não, sobre a atração de um homem por outro. Podemos referir-nos à natureza humana como peculiar ao homem, e nesse sentido, todos os pecados, enquanto se opõem à razão, se opõem à natureza, como dizia Juan Damasceno [...], mas “natural” será também o que o homem tem em comum com outros animais, nesse sentido que se diz que certos pecados particulares são contrários à natureza, como o coito entre machos (que é o vício chamado especificamente contra natura), no qual é contrário a união de macho e fêmea natural em todos os animais. Na realidade, devido às condições dos seres humanos, sucede que certos atos são virtuosos para determinadas pessoas, como adequados e apropriados a elas, enquanto que os mesmos atos são imorais para outras, como inapropriados a elas (Suma Teológica) (BRAVO, 2007, p. 147).

Não se pode esquecer que, na época medieval, com a criação da Inquisição Religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, a homossexualidade foi perseguida e justificada para as penas de morte de muitas pessoas consideradas pecadoras (VERBICARO SOARES, 2016, p. 51-2). Esses castigos podem ser encontrados em alguns relatos de personagens históricos, como os de Pedro de León, na primeira metade do século XVI – visitante da Cadeia de Sevilha, das cidades espanholas de Jerez da Fronteira e Sevilha. Do mesmo modo em que o Compêndio de 1592 e o Livro de “Ajusticiados” de 1615 continham fatos históricos que citavam a condenação à morte de inúmeros indivíduos pela Santa Igreja pela realização de práticas homossexuais (BRAVO, 2008, p. 152-4).

Entre alguns episódios estavam o interessante caso de Francisco Galindo, conhecido na sociedade local por usar roupas vibrantes, considerada, para a época, impróprias para o uso masculino, que teria realizado práticas pecaminosas junto a outros homens, alguns inclusos, que pertenciam à própria Igreja Católica. O senhor Galindo e o frei Jaime Pascual foram queimados juntos até a morte, por seus atos nocivos à moral religiosa do período. Tiveram os mesmos desígnios os senhores Alonso Celles Gixon, Francisco de Zarate e Mateo de Salvatierra, condenados à pena capital por serem simplesmente homossexuais (BRAVO, 2008, p. 152-4). Os nomes citados constituem apenas um número reduzido da grande quantidade de pessoas que foram perseguidas principalmente na idade das trevas no continente europeu e posteriormente na América e em territórios que pertenciam às colônias europeias.

Com o movimento reformista denominado “A doutrina da fé da Igreja Católica” a partir da encíclica *Rerum Novarum* de 1891 pelo Papa Leão XIII, ocorreu um retorno às origens, do ideário de Tomás de Aquino, sobre o bem comum e valores quanto à existência de uma vida humana em dignidade que seriam enfatizados nas pregações do Corpo Religioso da Igreja Católica (FERREIRA, 2000, p. 45). Por outro lado, o que se vislumbrou, posteriormente, foram condutas institucionais que acabam excluindo a mesma dignidade no que se refere

à sexualidade, principalmente quanto ao tema das orientações sexuais, fazendo com que as pessoas homossexuais não fossem respeitadas.

O desrespeito incidiu nas orientações diversas que confundem e impedem que cada pessoa exerça sua sexualidade de modo livre, sem medos e tabus. Onde amar, também previsto nos ensinamentos religiosos, possa ter vez, sem sofrer qualquer tipo de restrição por esse amor. Induzir a restrição da sexualidade humana representa violar a dignidade dos indivíduos.

Para complementar esses fundamentos, outros pensadores se manifestaram que nas sociedades ocidentais judaico-cristã, a orientação homossexual foi considerada por um delito punível em lei. Até em épocas mais recentes, essa condenação por orientação sexual esteve presente, tendo como exemplos: os notórios casos do espanhol Federico García Lorca, do irlandês Oscar Wilde ou do inglês Alan Mathison Turing, apenas como casos de intolerância e perseguição à homossexualidade.

O que se viu durante a evolução histórica, como bem atestou Baile Ayensa, a homossexualidade foi castigada de diferentes maneiras. Essa orientação sexual foi motivo para levar pessoas às prisões, ao pagamento de multa. Foi usada para torturar e em casos mais graves aprovados pelas ciências as terapias de choque, as castrações físicas, incluso com a condenação à morte em fogueiras acesas em nome de Deus como salvação aos pecados individuais terrenos (AYENSA, 2008, p. 130-1).

Por mais difícil que tenha sido viver essa sexualidade, muitas pessoas se revelaram para que essa orientação sexual pudesse ser estudada, entendida e aceita em condição de igualdade. Personagens como Truman Capote, Virginia Woolf, Caio Fernando Abreu, Margaret Mead, Alfred Kinsey visibilizaram as diferentes formas de expressão da sexualidade humana, permitido que gerações posteriores interpretassem o sexo de modo diferente, ampliando seus horizontes. Da mesma maneira em que John Boswell, Louis Countryman, John McNeill, Elizabeth Stuart, Daniel Helminiak, Matt Miofsky e muitos outros, que mostram novos caminhos interpretativos para a religiosidade humana e homossexualidade.

Nota-se que através da história, muitas pessoas se assumiram na expressão das suas sexualidades: reis, artistas, membros aristocráticos, militares, científicos e pessoas comuns, mas não menos importantes, que proclamaram socialmente a diversidade sexual em busca do reconhecimento e do respeito por possuir uma orientação simplesmente diversa da dominante, nesse caso a heterossexual.

5 A homossexualidade para a Santa Igreja Católica: relatos de um passado sombrio

Se for levada em consideração a doutrina religiosa da Igreja, deve-se entender que o ato sexual, as relações entre pessoas do mesmo sexo, com características sexuais ou eróticas, representariam um pecado grave aos anseios do ser superior (Deus) como citado anteriormente.

Esse preceito segue presente nos dias mais atuais, mas, também, se manteve imutável desde o passado. Nesse caso, se pode exemplificar com os relatos atribuídos aos Cavaleiros Templários, que no ano de 1258, se especulou, com o intuito de desmoralizar e enfraquecer o grupo religioso, que os mesmos, dentro dos monastérios, eram adeptos da sodomia.

Nessa parte da investigação se buscou responder outras das perguntas do estudo: a homossexualidade foi perseguida pela Igreja Católica? A resposta foi positiva, se baseando em distintos episódios de repressões/perseguições às práticas de relações sexuais entre pessoas de mesmo sexo biológico no passado, entre as mesmas os relatos históricos de inúmeros casos em que se condenou e criminalizou a conduta homossexual.

Para corroborar com essas evidências, Alder Izquierdo, de modo oportuno, fez algumas considerações sobre os Templários, seguidores da Ordem do Templo, que predominou no período medieval, sendo caracterizados por unir a religião com a força militar. Homens de todo o Velho Continente pertencia ao grupo, que originariamente se constituiu em 1118 d. C. Atribui-se ao período posterior ao ano de 1230, que certas ideias foram estendidas aos Templários com o claro motivo de redução do poderio e descrédito da ordem religiosa. Entre as características disseminadas estavam que, os mesmos, se reuniam para a proclamação de discursos satânicos e acusações que seus membros violavam as leis de Deus e dos Homens, que eram praticantes da sodomia e etcetera (IZQUIERDO, 2006, p. 50).

Esses argumentos foram, por suposição, usados por Philippe IV (Rei do Reino da França), que de acordo com Isidre Bravo, os relatos mencionados exemplificavam explicitamente os atos que seriam atribuídos aos Templários: mandavam cuspir sobre a cruz, um penetrava o outro por detrás; *é muito asqueroso dizê-lo* (BRAVO, 2008, p. 108-9).

Descrição que seguramente escandalizou a sociedade com tamanha conduta reprovável sociocultural e religiosamente, o que contribuiu para a condenação moral da Ordem Religiosa no Reino Francês, e em outros do período medieval, com claro intuito de diminuição do poder exercido pelos Templários, visto como uma ameaça pelos detentores do poder no passado.

Séculos mais tarde, o tema da homossexualidade continuou sendo usado como prática condenável pela Igreja Católica. Nesse aspecto, a Congregação da Doutrina da Fé, mais especificamente na década de setenta, se manifestou gerando um posicionamento discriminador a essa orientação sexual. De acordo com a entidade, usando-se da ordem moral objetiva, as relações homossexuais seriam atos privados de sua regra essencial.

Devido à orientação prevista na interpretação dos textos bíblicos, as relações entre pessoas do mesmo sexo estão condenadas como graves depravações e, inclusive, apresentadas como uma lamentável consequência de uma reprovação divina (IZQUIERDO, 2006, p. 50).

Conforme os textos presentes no Apocalipse de Pedro, explicita-se a referência de práticas homossexuais: outros homens eram jogados desde uma grande pedra e caíam ao fundo, mais tarde e eram obrigados a subir de novo [...] e assim seu tormento não terminava nunca; (eram) os que mancharam seus corpos comportando-se como mulheres (BRAVO, 2008, p. 184).

Entende-se que para a interpretação subjetiva dos textos bíblicos, variados e distintos são os posicionamentos sobre os seus conteúdos. Desse jeito, para alguns interpretes da Bíblia, as terminologias originárias foram descaracterizadas com o passar dos tempos, ou porque foram empregadas de maneira equivocada, sem levar em consideração o contexto histórico, ou pelo fato de terem sido precariamente traduzidas, fatos que acabaram influenciando nas bases dos preceitos discriminatórios à homossexualidade seguidos por algumas *Religiões Cristãs*.

Para esse posicionamento, cita-se, por exemplo, o discurso de Matt Miofsky, que relata que os textos religiosos, com claro objetivo orientativo para a humanidade, versavam, em suas origens, sobre temas relacionados às condutas de violência, de condenação de práticas tendenciosas ao sofrimento e desumanização, condenáveis pelo ímpeto do desejo sexual.

Nessa realidade, o que se questionaria não seria a homossexualidade em si, mas as ações humanas que ferem e desconstituem os homens e suas relações com os demais. Além da falta de solidariedade e amor com o próximo, *ensejando uma explicação diversa sobre as passagens eclesíásticas e sua postura frente à sexualidade*. Segundo o posicionamento de Miofsky: os textos bíblicos estariam inseridos dentro de um contexto restrito, com a prevalência de condutas arbitrárias, principalmente relacionadas com a sexualidade. Desse jeito, o impulso sexual, em muitos casos, era justificado em sociedades antigas por exemplo, mesmo se fossem fruto de violações (INQUISITIVE CHRISTIANITY, 2012).

De modo semelhante John McNeill argumenta sobre a homossexualidade, aduzindo que uma relação estável entre pessoas que descobrem a si mesmas, num contexto homossexual, representa uma união boa, baseada em princípios fortes de responsabilidade, respeito, e amor para os dois (MCNEILL, 1993, p. 21). Esses valores também são defendidos na moral cristã para os casais heterossexuais.

Da mesma forma, Frederico Lourenço, trouxe em 2017, uma atualização da Bíblia traduzida do grego, aproximando os textos religiosos de suas origens. Nessa obra foram alteradas algumas terminologias que, supostamente, mal interpretadas em seu momento, geraram, segundo o autor, uma condenação história da homossexualidade. Sendo, portanto,

uma alternativa literária a mais para mudanças de pensamentos sobre a questão da diversidade sexual no mundo.

De tal modo, a interpretação apresentada por Lourenço procurou se aproximar das realidades cotidianas das sociedades influenciadas pelos ensinamentos judaico-cristãos. As compreensões do autor sobre os textos bíblicos originários destituem o ideário condenatório da homossexualidade, traduzindo e atualizando os textos religiosos.

É importante reconhecer que a sociedade brasileira assimilou culturalmente valores preconceituosos que estereotiparam a homossexualidade como conduta pecaminosa, inapropriada aos valores bíblicos e antinatural. Valoração essa que ajudou na imposição de padrões heteronormativos e permitiu a discriminação e exclusão participativa dos homossexuais no país.

6 A interpretação mais contemporânea de ideologias religiosas que buscam a integração de homossexuais em diferentes sociedades

Com uma ideologia diversa da seguida, majoritariamente, pela Igreja Católica Apostólica Romana, outras fontes doutrinárias versam sobre o trato da homossexualidade de forma inclusiva, não levando essa orientação sexual como prejudicial para a interpretação e seguimento da religião, respeitando-se a dignidade humana e a sexualidade.

Com esse posicionamento, podemos citar a Associação Unitária Universalista na América do Norte, a Igreja Protestante Reformada e Inclusiva no Brasil e, também, determinados ramos do Protestantismo, como ocorre com certos ramos do Anglicanismo e o Unitarismo, tanto no Reino Unido como nos Estados Unidos da América, que permitem alguns ritos especialmente usados para atender as pessoas homossexuais.

Alguns exemplos dessa integração são a celebração religiosa para unir casais de mesmo sexo biológico, como interpretação de que essas pessoas têm igual importância e que devem ser integrados, sem qualquer tipo de discriminação, seguindo as interpretações doutrinárias com base religiosa de: solidariedade, amor ao próximo e igualdade integrados com a proteção universal divina.

7 As manifestações do Vaticano quanto à homossexualidade

Com a última eleição do líder da Igreja Católica Apostólica Romana, o Papa Francisco, se manteve no sentido do reconhecimento de certa dignidade às pessoas homossexuais, mas que essa dignidade se preserva enquanto não houver a prática de atos de natureza homossexual.

Esse raciocínio integra a última indagação do estudo: qual o posicionamento do Vaticano sobre a homossexualidade?

Nesse sentido, o ideário da Igreja Católica que prevalece aponta a prática homossexual como malévola para os preceitos da moralidade. Desse modo, a homossexualidade comentada deve ser considerada como desordenada (AMICH, 2007, p. 202). A Instituição Religiosa já se manifestou anteriormente em considerar a prática da homossexualidade condenável pelos preceitos bíblicos. Essa condenação estigmatizou essa orientação sexual como conduta típica de natureza depravada, antinatural, que choca com às vontades divinas, devendo ser evitada pelas pessoas de fé.

Sabe-se que o posicionamento religioso possui uma relação direta com a construção moral-cultural das pessoas e que, essa questão, *não pode fazer com que as pessoas em situação de exclusão social sejam impedidas de ter acesso aos mesmos direitos que os que o tem. É notório que algumas interpretações baseadas em textos bíblicos apontam no sentido de proibir taxativamente a prática sexual homossexual.*

Para Bas, em grande parte das concepções morais, as mesmas estariam baseadas na fundamentação de crenças religiosas. Nesse sentido, se faz necessária a inversão na educação inclusiva, para se permitir uma maior consciência sobre algumas questões: a) para a diversidade humana e releitura contextualizada das fontes religiosas; b) das exigências de reivindicação histórico-cultural, resultando em esforços para reorganização de determinadas dogmas em prol dos preceitos democráticos de igualdade, fraternidade, solidariedade (compreensão mútua entre todos) e busca da harmonia social (BAS, 2002, p. 173-4).

Momentaneamente, serão centralizados nesse trabalho os temas das influências da Religião Católica Cristã na condenação à homossexualidade. Destaca-se como exemplo, a orientação da Igreja sobre a denominação de sexualidade humana: verdade e significado, que por meio do Conselho Pontifício para a família, prevê certas orientações doutrinárias com fins educativos para a família cristã.

De acordo com o documento, a homossexualidade é caracterizada com um problema, uma anormalidade, uma desordem aos valores de constituição de matrimônio, de castidade e reprodução humana. Essa visão exemplifica os ensinamentos medievais perpetuados, durante tempos, e que continuam efetivos nas orientações da Igreja e de seus membros e seguidores:

Um problema particular, que se pode manifestar durante o processo de maturação-identificação sexual é o da homossexualidade, que se difunde cada vez mais nas culturas urbanas. É preciso que este fenômeno seja apresentado com equilíbrio da razão, à luz dos documentos da Igreja. Os jovens precisam ser ajudados a diferenciar os conceitos de normalidade e de anomalia, da cultura sugestiva e da desordem objetiva, evitando induzir hostilidade e, por outro lado, esclarecendo bem a orientação estrutural e complementar da sexualidade em relação à realidade do matrimônio, da procriação e da castidade cristã. A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que experimentam uma atração sexual exclusiva e predominante para com as pessoas de mesmo sexo. Prevê formas muito variadas, através dos séculos e das diferentes culturas.

A sua gênese psíquica continua em grande parte por explicar. É preciso distinguir as tendências que podem ser inatas e os atos de homossexualidade que são intrinsecamente desordenados e contrários à lei natural (VATICAN, 1995).

Seguindo a mesma previsão condenatória, o documento segue com orientações aos familiares de como proceder frente à adversidade da orientação sexual, recomendando tratamento profissional específico para os jovens em desenvolvimento. Se pode notar uma indução valorativa de preceitos religiosos que atestam a homossexualidade como um pecado, como se fosse uma prova a ser superada pelas pessoas que sofrem por esse suposto mal. Como sugestão à homossexualidade, se aponta a castidade:

Em muitos dos casos, especialmente quanto à prática de atos homossexuais não se estruturaram, podem ser ajudados positivamente por meio de uma terapia apropriada. De qualquer maneira, as pessoas que estão nessa situação devem ser acolhidas com respeito, dignidade e delicadeza, evitando todas as formas de injustas discriminações. Os pais, na sua vez, no caso de perceberem seus filhos, na idade infantil ou adolescência, o aparecimento dessa tal tendência ou dos comportamentos com ela relacionados, façam ser ajudados por pessoas especializadas e qualificadas para dar todo o tipo de auxílio possível [...] para a maior parte das pessoas homossexuais, essa condição supõe uma prova. Por isso se deve acolher em respeito, compaixão e delicadeza. Essas pessoas são chamadas a realizar, em suas vidas a vontade de Deus e, se são cristãs, a unir em ao sacrifício da cruz do Senhor às dificuldades que podem encontrar devido a sua condição. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade (VATICAN, 1995).

O Papa Francisco também fez alusão ao tema da homossexualidade. A primeira vez foi durante a realização do encontro juvenil, ocorrido no Brasil em 2013. O Santo Pontífice se pronunciou do seguinte modo:

Se uma pessoa é gay e busca o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la? O Catecismo da Igreja Católica explica isso de uma maneira linda. Não se deve marginalizar a essas pessoas por isso, elas deverão ser integradas na sociedade. O problema não está em ter essa tendência. Não! Devemos ser irmãos. Na vida Deus as pessoas e é nosso dever acompanhá-las a partir de sua condição (VATICAN, 2013).

A partir desse ano, o líder da Igreja Católica Apostólica Romana se manifestou, diversas vezes, sobre o acolhimento dos homossexuais, manifestando publicamente que a Igreja deveria ser compreensiva à realidade moderna. Nesse sentido, suas recomendações foram de pedir menos julgamentos da comunidade cristã aos homossexuais, reforçando que independentemente da orientação sexual de uma pessoa, ela deverá ser respeitada em dignidade e que o cristão deve evitar condenar, e buscar entender essa diversidade. (EL PAÍS, 2014).

De maneira similar, o Pontífice relatou que os cristãos deveriam pedir perdão por terem acompanhado tantas decisões equivocadas, fazendo alusão a necessidade de se pedir desculpas aos coletivos excluídos de participação, entre eles os dos homossexuais (EBC, 2016).

De modo diverso se posicionou o integrante da Instituição secular, o Cardeal Fernando Sebastián:

Muitos se queixam e não toleram, mas com todo o respeito digo que a homossexualidade é uma maneira deficiente de manifestar a sexualidade, porque essa tem uma estrutura e um fim, que é a da procriação. Uma homossexualidade que não pode alcançar esse fim está falhando. Isso não representa insulto para ninguém. No nosso corpo temos muitas deficiências. Eu tenho hipertensão, vou me enfurecer quando me digam? É uma deficiência que tenho que corrigir como possa. O gesto de apontar a um homossexual uma deficiência não é ofensa, sim uma ajuda porque muitos casos de homossexualidade se podem recuperar e normalizar com o tratamento adequado (PÚBLICO, 2014).

Para a previsão institucional, a aceitação de homossexuais nas ordens religiosas da Igreja, ou seja, dentro dos Seminários, caracterizaria a essas pessoas como detentoras de uma tendência homossexual profundamente enraizada. As orientações da Santa Sede foram, segundo o Concílio do Vaticano II, de fazer distinções entre atos homossexuais e tendências homossexuais. Nessa interpretação, os primeiros seriam mais graves, uma vez que a prática de tais atos implica no cometimento do pecado, explicitado nos textos bíblicos.

Para essa visão, o cometimento da conduta caracteriza ato imoral e contrários à natureza. Por sua vez, a segunda previsão, prevê a incidência de certas tendências condenáveis, relacionadas a algum tipo de desordem, mas que essas pessoas deveriam ser recebidas com respeito e, que com o auxílio divino, podem viver do sacrifício, não materializando às supostas condutas homossexuais (VATICAN, 2005). Segundo menciona o próprio teor do documento:

À luz desses ensinamentos, de acordo com a Congregação para o culto divino e disciplina dos sacramentos, é necessário formar com clareza que a igreja, respeitando profundamente às pessoas em questão, não pode admitir ao Seminário e às Ordens Sagradas quem praticar a homossexualidade, uma vez que essas pessoas apresentam tendências homossexuais profundas e sustentam a chamada cultura gay (VATICAN. VA, 2005).

De modo similar, em outra passagem orientativa do mesmo documento se comenta que: as pessoas homossexuais se encontram em uma situação de obstaculizar gravemente uma correta relação com homens e mulheres. De nenhum modo se pode ignorar as consequências negativas que se podem derivar da ordenação de pessoas com essas tendências homossexuais profundamente enraizadas. No caso de se tratar de tendências que representassem apenas um problema transitório, como por exemplo, de uma adolescência não terminada, essas deveriam ser superadas três anos antes da ordenação diaconal.

Considerações finais

Conclui-se nesse estudo que determinadas interpretações, sobre textos religiosos judaico-cristãos, incidiram na justificativa história da exclusão das pessoas homossexuais em diversas sociedades. Por essa razão, entende-se que existe uma pendência na pacificação

da temática da orientação sexual homossexual e, também, quanto à visão contemporânea de respeito aos princípios democráticos de igualdade, intimidade, solidariedade, liberdade e desenvolvimento da dignidade humana.

Notou-se que o posicionamento conservador da Igreja Católica condenou a sexualidade humana, em especial a homossexualidade, com o estabelecimento de valores restritivos que impuseram o pecado frente à liberdade sexual. Sua participação no âmbito histórico-cultural, nas sociedades cristãs do ocidente, criou um ambiente crítico à orientação homossexual. No Brasil, essa realidade não foi diferente. Da mesma maneira, foram encontrados posicionamentos diversos nas posturas dos últimos líderes da Igreja Católica quanto ao posicionamento da Instituição Religiosa com o coletivo LGBTQI.

Reconhece-se que as influências religiosas na moral social brasileira são fortificadas pelas ideias enraizadas de restrições à diversidade sexual e sua inclusão na doutrina cristã, mas é viável enfatizar que ideologias cristãs começam a promulgar novas interpretações sobre os textos religiosos.

Por mais que as condutas da Igreja Católica indiquem um posicionamento imutável nos últimos séculos em relação à homossexualidade. Também, deve-se mencionar que, nos últimos anos, o Papa Francisco, contrariando seu antecessor, Bento XVI, se manifestou sobre a aceitação das pessoas homossexuais pelos cristãos sem condenação. Consequentemente, incertos são os próximos caminhos da sexualidade humana e religiosidade cristã, mas diretrizes esperançosas apontam para um processo maior de práticas que permitam a integração de todos, com o objetivo de adequar-se as organizações religiosas aos anseios de trato igualitário, fraternal e de amor ao próximo, sem discriminações.

Nessa conjuntura, apontam-se como importantes os esforços concentrados das sociedades pelo mundo na conscientização e formação em valores religiosos, que permitam o diálogo e a integração dos temas relacionados com a sexualidade, respeito à diversidade e a busca pela felicidade.

Os retos afrontados deverão incidir sobre as mudanças de valores religiosos, culturais, políticos que permitiram o trato desigual, entre as pessoas, seja no âmbito social brasileiro ou, na esfera internacional. O reconhecimento de direitos e, a efetivação dos mesmos, passa pela retirada dos obstáculos que impossibilitam a participação igualitária, justa e solidária dos cidadãos, principalmente os que versam sobre gênero, sexualidade humana e orientação sexual.

Viver a sexualidade é ter compatível o pleno desenvolvimento de sua essência, sem sofrer limitação dogmática religiosa que desprestigie as diversas orientações sexuais. O ser humano

é único na própria diversidade a ele inerente, não podendo ser reduzido em importância frente aos demais.

Referências

- AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*, v. 1. São Paulo: Loyola, 2001.
- AMICH, Cristina. Cultura Homossexual, Sujeto Homossexual y Derechos Humanos. In: *Foro Revista de Ciencias Jurídicas y Sociales*, Madri, n. 5, p. 199-219, 2007.
- AYENSA, José. *Estudiando la homosexualidad*. Teoría e investigación. Madri: Ediciones Pirámide, 2008.
- BAS, A. H. C. *Los derechos fundamentales como limite a costumbres y prácticas religiosas o culturales*. *Anuario de Derecho Parlamentario*, Espanha, n. 13, p. 173-208, 2002.
- BETIOLI, Antonio. *Introdução ao Direito*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality: Gay People in Western Europe from the beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*. Chicago, v. 48, n. 3, 1981.
- BRAVO, Isidre. *La Mirada de Zeus. Antología sobre la fascinación masculina por los muchachos en la literatura griega y latina*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 2007.
- BRAVO, Isidre. *La Mirada de Zeus II*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 2008.
- COSTA, Ronaldo. Sexualidade. In: *Macho masculino homem*. São Paulo: L&PM, 1986.
- COUNTRYMAN, L. William. *Dirt, greed, and sex: sexual ethics in the New Testament and their implications for today*. Philadelphia: Fortress Press, 1988.
- DIAS, Maria Berenice. *Homoafetividade e Direitos LGBTI*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2016.
- EBC. 2016. *Papa Francisco diz que Igreja deve pedir desculpas aos homossexuais*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-06/papa-francisco-diz-que-igreja-deve-pedir-desculpas-aos-homossexuais>. Acesso em: 8 jun. 2019.
- FERREIRA, Manoel. *Direitos humanos fundamentais*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- EL PAÍS. 2014. *O Papa Francisco aboliu o pecado?* Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/06/opinion/1389021191_169639.html. Acesso em 29 maio 2019.
- HELMINIAK, Daniel. *O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade?* São Paulo: Edições GLS, 1998.
- HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- INQUISITIVE CHRISTIANITY. 2012. *What does the Bible say about Homosexuality*. Disponível em: <http://www.inquisitivechristianity.com/index.php/research-links/homosexuality/homosexuality-media/pro-homosexuality-media/homosexuality-the-bible>. Acesso em: 28 maio 2019.

IZQUIERDO, Alejandro. *Evolución del derecho de igualdad de lesbianas y gays*. Salamanca: Grado de Salamanca. Universidade de Salamanca, 2006.

JESUS, Ana; OLIVEIRA, José. *Teologia do prazer*. São Paulo: Paulus, 2014.

LAMAREA. 2013. *Llega a España el Manual del Vaticano contra la homosexualidad*. Disponível em: <http://www.lamarea.com/2013/06/11/la-iglesia-publica-en-castellano-un-manual-para-tratar-la-homosexualidad/>. Acesso em: 6 jun. 2019.

LOURENÇO, Frederico. *Bíblia. Novo Testamento. Os quatro evangelhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MCNEILL, John. *The Church and the Homosexual*. Nova York: Beacon Press, 1993.

OLIVEIRA, Eduardo. Cidadão sem rosto. In: *Macho masculino homem*. São Paulo: L&PM, 1986.

PAPÍ, Juan. 2010. *Homosexualidad, celibato y pedofilia*. Acesso em: 30 maio 2019.

PÚBLICO. 2014. *El nuevo cardenal español: “la homosexualidad es deficiente y se puede normalizar contratación”*. Disponível em: <http://www.publico.es/actualidad/496414/el-nuevo-cardenal-espanol-la-homosexualidad-es-deficiente-y-se-puede-normalizar-contratacion>. Acesso em: 6 jun. 2019.

SILVA, José. 2008. *O olhar das religiões sobre a sexualidade*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/728-4.pdf>. Acesso em: 17 maio 2019.

TANNAHILL, Reay. *O sexo na história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

TAVARES, Cássia. *Cultura, mídia e comportamento sexual. Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 27, set./dez., p. 415-27, 2007.

VATICAN. 1986. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 27 maio 2019.

VATICAN. 1992. *Congregación para la doctrina de la fe: Notas sobre el libro del P. André Guindon, OMI, the sexual creators. An ethical proposal for concerned Christians*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19920131_book-guindon_sp.html. Acesso em: 25 maio 2019.

VATICAN. 1995. *Sexualidade Humana: verdade e significado*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_08121995_human-sexuality_po.html. Acesso em: 10 jun. 2019.

VATICAN. 2005. *Congregación para la educación católica: instrucción*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20051104_istruzione_sp.html. Acesso em: 6 jun. /2019.

VATICAN. 2013. *Conferencia de prensa del Santo Padre Francisco durante el vuelo de regreso a Roma*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/

speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa_sp.html.
Acesso em: 5 maio 2017.

VERBICARO SOARES, Douglas. A condenação histórica da orientação sexual homossexual – as origens da discriminação à diversidade sexual humana: violações aos direitos sexuais – reflexos do Brasil Colônia ao Século XXI. *Revista HENDU*, v. 7, n. 1, p. 50-64, 2016.

VERBICARO SOARES, Douglas. 10 Canciones brasileñas: ejemplos para la concientización social en el país sobre la homosexualidad. In.: *Revista Direitos Culturais*, v. 14, n. 33, p. 105-133, maio/agos., 2019.

VERBICARO SOARES, Douglas. *La libertad sexual en la sociedad: Especial referencia a la homosexualidad en las Fuerzas Armadas Brasileñas*. Salamanca, Espanha. Tese Doutoral. Universidade de Salamanca, 2015.

VIDAL, Marciano; MARLOS, J. M. F.; GAFO, Javier; LASSO, Pablo; HIGUERA, Gonzalo; RUIZ, Gregorio. *Homosexualidad – ciencia y consciencia*. Santander: Sal Terrae, 1981.

ZILLES, Urbano. *Visão cristã da sexualidade humana. Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 39, n. 3, set. /dez., p. 336-350, 2009.